

---

**Ensaio**

---

## **Cognição, cultura e funções sígnicas: uma análise da mediação semiótica no desenvolvimento histórico, social e linguístico do sujeito surdo**

*Cognition, culture and sign functions : an analysis of semiotic mediation in the historic, social and linguistics development by deaf people*

**Rosemeri Bernieri de Souza Kapitaniuk**<sup>✉</sup>

Departamento de Letras e Linguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo principal abordar o tema «mediação semiótica» no desenvolvimento cognitivo, social et linguístico do indivíduo surdo. Num primeiro momento, serão apresentadas algumas definições de signo por alguns autores que se dedicaram a desenvolver teorias no domínio da semiótica (Eco, Peirce, Saussure). Em seguida, faremos uma reflexão sobre o signo Vygotskyano como mediador do desenvolvimento dos processos superiores do homem. Num segundo momento, relataremos alguns estudos de crianças e comunidades surdas com o intuito de refletirmos sobre o seu desenvolvimento sob a ótica das operações superiores mediadas pelo signo. Para finalizar, faremos uma análise de algumas construções de referência em língua de sinais, descrevendo algumas estratégias icônicas que representam a manipulação de instrumentos de mundo. © Cien. Cogn. 2011; Vol. 16 (2): 050-064.

**Palavras-chave:** mediação semiótica; cognição; surdez.

### **Abstract**

*The main goal of this article is to approach the "semiotic meditation" in the cognitive, social and linguistic development of a deaf person. Firstly we will provide a few definitions of signs by authors who devoted themselves to develop theories in the field of semiotics (Eco, Peirce, Saussure). Then, we will reflect upon the Vygotskyan sign as mediator of the development of man's higher processes. Then, we will consider some studies of children and deaf communities in order to ponder its development under the optics of the higher operations mediated by the sign. Finally, we will make an analysis of a few constructions of reference in the sign language, by describing some iconic strategies which represent the manipulation of world instruments. © Cien. Cogn. 2011; Vol. 16 (2): 050-064.*

**Keywords:** *semiotic mediation; cognition; deafness.*

## Introdução

O objetivo geral desse trabalho é refletir sobre a mediação semiótica no desenvolvimento cognitivo, social e linguístico do sujeito surdo. A importância dessa reflexão se justifica pela existência de inúmeros relatos de indivíduos e comunidades surdas que evidenciam que as funções superiores se desenvolvem a partir de processos elementares de ordem biológica e, evidentemente, da diversidade de insumos culturais. Podemos citar como exemplo os estudos de crianças surdas, nascidas em famílias ouvintes, que, mesmo sem *input* auditivo, desenvolveram sistemas gestuais para se comunicarem com seu meio. Ainda mais interessantes são os relatos de surdos que viviam isolados, mas em dado momento se encontraram numa escola da Nicarágua. Provindos de diferentes regiões, esse encontro proporcionou o desenvolvimento de uma língua totalmente convencionalizada. Todos esses estudos nos mostram a importância da cultura e da imersão social para o desenvolvimento comportamental, psicológico, social e linguístico do sujeito surdo.

Com o intuito de abordar o desenvolvimento das funções superiores do sujeito surdo, primeiramente esclareceremos o que se entende por mediação semiótica considerando: (i) a noção de « signo » segundo alguns semioticistas; (ii) o signo segundo a concepção de Vygotsky; (iii) como essas noções podem convergir para a compreensão dos processos superiores sob a perspectiva da mediação semiótica. Posteriormente discutiremos sobre os processos psicológicos do surdo mediados pelo signo verbal, abordando: (i) os casos das criações gestuais de crianças surdas que vivem em meio a ouvintes; (ii) o desenvolvimento histórico e a implementação de línguas de sinais emergentes; (iii) o signo verbal desenvolvido na modalidade cinésico-visual; (iv) estratégias de referências icônicas no uso linguístico do surdo.

### 1. O domínio semiótico

Na sua obra póstuma, *Cours de Linguistique Générale* (1977/1916), Ferdinand de Saussure preconiza a existência de uma ciência geral dos signos. Ele a denominou de Semiologia, a qual se ocuparia dos signos existentes no seio da sociedade. Segundo ele, os estudos linguísticos seriam apenas parte dessa abrangente ciência.

Juntamente com Saussure, Peirce (1975/1930) é também o precursor da semiótica contemporânea, porém enquanto no primeiro fazia-se apenas uma superficial menção à ciência dos signos, o segundo, por sua vez, construiu a teoria triádica do signo.

Para Nöth (1995/1985), uma semiótica *avant la lettre* teve origem juntamente com a filosofia: Platão e Aristóteles eram teóricos do signo e, portanto, semioticistas antes da delimitação das fronteiras dessa ciência. As teorias do signo sofreram todas as influências evolutivas das idéias humanas: desde o período greco-romano, passaram por todas as concepções filosóficas, lógicas, cognitivas; refletiram-se nas idéias racionalistas, empiristas e iluministas. Foi no século XIX, que filósofos como Hegel, definiram suas fronteiras, introduzindo as distinções entre signo e símbolo. Os filósofos John Locke (1632-1704) e Johann Heinrich Lambert (1728-1777), também, deram suas contribuições às teorias do signo e Von Humboldt (1767-1835), conhecido filósofo desse tempo, foi figura central no desenvolvimento da semiótica da linguagem.

Durante o desenvolvimento das teorias do signo, dois termos foram usados para definir essa mesma ciência. Assim, para alguns a ciência dos signos chamava-se semiologia e para outros semiótica. O segundo termo prevaleceu somente após 1969 quando Jakobson começou utilizá-lo.

No nosso trabalho estaremos definindo a semiótica como a ciência geral dos signos,

geradores de funções sgnicas no seio de uma determinada cultura. Essa definição está intrinsecamente ligada às definições de outros autores, tais como:

Saussure - A semiótica ou « semiologia » saussureana é definida como uma “ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social que constitui uma parte da Psicologia social.” (Saussure, 1977/1916, p. 24)

Nöth - “A semiótica é a ciência dos signos e dos processos significativos (semiose) na natureza e na cultura.” (Nöth, 1995/1985, p.17)

Peirce - para esse teórico, tudo é semiose (ação do signo). As cognições, as idéias e o próprio homem são entidades semióticas (Nöth, 1995/1985). Segundo ele, semiótica é uma ciência formal “de todos os possíveis tipos de signos, seus modos de significação, de denotação e de informação, e o todo de seus comportamentos e propriedades, na medida em que não são accidentais.” (MS 634, p.14, *apud* Santaella, 2005, p. 39 )<sup>1</sup>

Eco - Esse teórico do signo traz grandes contribuições no âmbito da semiótica. Ele relata em sua obra Tratado de Semiótica Geral que uma “teoria semiótica geral implica o estudo de uma teoria dos códigos e uma teoria da produção sgnica”. Para Eco, “as semióticas de Saussure e Peirce são teorias da relação ‘semiósica’ entre símbolo (significante) e referência (ou significado) e entre o signo e a série de seus interpretantes. Os objetos não são levados em consideração por Saussure, e, no quadro teórico de Peirce, só entram quando se discutem tipos particulares de signos, como os índices e os ícones<sup>2</sup> (Eco, 1976/1958, p. 50-51).”

Segundo Umberto Eco, os códigos são sistemas de significação quando existe uma possibilidade socialmente convencionalizada de gerar funções sgnicas, ou seja, o processo de significação desses sistemas só se verifica quando existe um código. O sistema de significação “une entidades presentes e entidades ausentes. Sempre que, com base em regras subjacentes e entidades ausentes, algo materialmente presente à percepção do destinatário está para qualquer outra coisa, verifica-se significação” (Eco, 1976/1958, p. 6).

Em todas essas definições podemos perceber que a noção de signo perpassa por processos de transformações (operações com signos) e que se caracteriza como semiose (funções sgnicas) compartilhados culturalmente. Assim, podemos dizer que a mediação semiótica resulta da capacidade do ser humano em utilizar signos para categorizar suas experiências inter e intrapessoais.

## 1.1. O signo e o sinal

Para Saussure, um signo é a combinação do conceito (o significado) e uma imagem mental acústica (o significante). Para esse autor, tanto o significado quanto o significante têm natureza psíquica.

Peirce definiu signo como:

“Um signo, ou *representamen*, é algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente ou talvez um signo melhor desenvolvido. Ao signo, assim criado, denomino *interpretante* do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu *objeto*. Coloca-se no lugar desse objeto, não sob todos os aspectos, mas com referência a um tipo de idéia que tenho, por vezes, denominado o *fundamento* do representamen.”

(Peirce, 1930/1975, p. 94)

Peirce entende por interpretante um signo recriado pelo interlocutor e fundamento equivale a conceito.

Para Eco, “um signo é sempre constituído por um (ou mais) elementos de um plano da expressão convencionalmente correlatos a um (ou mais) elementos de um plano de conteúdo” (Eco, 1976/1958, p. 39), qual seja, uma palavra ou um gesto veicula um conteúdo que é estabelecido culturalmente.

A diferença entre signo e sinal consiste em que “o sinal ‘desencadeia um ato sêmico’, e este, evidentemente, só é suscetível de se realizar na medida em que há um receptor do sinal” (Martinet 1974, p. 59). Segundo Martinet (1974, pp. 85-86), “O ‘significado’ de um sinal é constituído pela ‘classe formada pelas mensagens admitidas por esse sinal’.” Isto é, pode se estabelecer a mesma relação entre mensagem e sinal, no nível do ato sêmico, e entre significado (classe de mensagens) e significantes (classe de sinais) no nível do sistema.<sup>3</sup>

Segundo Eco, considerando uma semântica referencial, o termo {cadeira} (símbolo) tem seu referente em <<todas as cadeiras existentes>> que não é um objeto perceptível pelos sentidos, uma entidade concreta, destarte, é uma classe, uma entidade abstrata. E esta entidade abstrata representa uma convenção cultural (Eco, 1976/1958, p. 56).

Eco não considera uma tipologia dos signos, mas um modo de produzir funções sígnicas. Segundo ele, uma tipologia dos signos deverá ceder lugar a uma tipologia dos modos de produção sígnica como resultado de diversos tipos de operação produtiva (Eco, 1976/1958, p. 137).

A teoria da produção sígnica envolve fenômenos tais como:

- Uso natural de diversas ‘linguagens’;
- Evolução e transformação dos códigos;
- Comunicação estética;
- Os tipos de interação comunicativa;
- O uso de signos para mencionar coisas e estados do mundo.

Esses fenômenos serão analisados em seguida, quando trataremos do desenvolvimento do surdo, uma vez que ele é privado de *inputs* auditivos e que, surpreendentemente, é capaz de veicular seu pensamento interior através de estratégias que se remetem aos objetos-de-mundo, referindo-se a eles por signos transformados a partir das experiências culturais compartilhadas.

## 1.2. O signo segundo Vygotsky

Vygotsky (2000/1978) não se refere ao signo dentro de uma visão semiótica, mas, ao longo da leitura sobre a história natural da operação com signos, evidenciamos a possibilidade de aproximação da sua noção de signo à dos outros autores.

Na verdade, ele se refere a signos e instrumentos como funções mediadoras superiores, assim definidos:

Instrumento – Sua função é ser um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado externamente e, necessariamente, exerce mudanças nos objetos.

Signo - Constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo e é orientado internamente.

Para Vygotsky, “ (...) os usos de instrumentos e signo estão mutuamente ligados, ainda que separados, no desenvolvimento cultural da criança ” (2000/1978, p. 69). Para ele, a diferença entre instrumento e signo consiste em que o signo foi inventado como meio auxiliar para solucionar problemas psicológicos como lembrar, comparar coisas, relatar, escolher, etc. Ele não modifica o objeto da operação psicológica, mas constitui-se como um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo. O signo age como um instrumento da atividade psicológica, orientado internamente.

Nesse ponto consiste a aproximação da noção de signo de Vygotsky à de outros autores: A sua qualidade psicológica, resultado de operações complexas das atividades internas e externas no desenvolvimento do indivíduo. Para ele, a ação do homem sobre ele mesmo e sobre os outros é mediada pelos sistemas de signos (linguagem, sistema de números, cartas, esquemas, etc.) dentre os quais se distinguem os signos verbais.

### **1.3. Processos superiores e mediação semiótica**

Para Vygotsky, o termo função superior, ou comportamento superior se refere à uma reconstrução psicológica tendo como base as operações com signos, resultando na internalização de formas culturais de comportamento. Para esse autor “ a palavra nos infunde a lembrança do seu significado como qualquer coisa nos faz lembrar outra coisa ” (2000, p. 400). Identificamos nessa definição a aproximação da concepção clássica em que o signo é algo que está para, ou no lugar de outra coisa.

No indivíduo, a apropriação de signos e sistemas de signos que constituem seu aparelho psíquico se faz, segundo Vygotsky, por transformações de processos interpessoais à processos intrapessoais. A criança nasce num meio social, representado pela família, e estabelece as primeiras relações na interação com os outros. Nessa interação, ela elabora seus conhecimentos sobre os objetos perceptivos e sobre os comportamentos de seus pares, em seguida identifica-se uma capacidade intersubjetiva mediada pelos signos fortemente condicionadora do desenvolvimento de seus processos superiores.

Em resumo, os signos são capazes de transformar o funcionamento mental, pois eles auxiliam as funções superiores, tais como: atenção voluntária, memória lógica, formação de conceitos, etc. A partir do momento que o sujeito se apropria e produz novos conhecimentos, as formas de mediação lhe permitem realizar operações cada vez mais complexas.

## **2. Processos superiores do surdo mediados pelo signo verbal**

Segundo Vygotsky, as funções psicológicas superiores aparecem duas vezes no desenvolvimento da criança: primeiro, no nível social (entre pessoas, no nível interpsicológico) e, depois, no nível individual (no interior da criança, no nível intrapsicológico). Sendo assim, o desenvolvimento caminha do nível social para o individual.

Sob essa ótica, como poderíamos analisar os casos de crianças surdas que nascem em meio ouvinte e quais fatores são relevantes na emergência de uma língua de sinais? Tentaremos elucidar essas questões nos próximos tópicos.

### **2.1. A criação de sistemas de comunicação da criança surda**

Goldin-Meadow (1985) foi uma dos precursores de estudos de criações gestuais

caseiras de crianças surdas sem exposição a uma língua de sinais. Estes sistemas gestuais, que ela denominou sinais caseiros (*home-signs* ou língua de sinais primárias), são produzidos espontaneamente e exibem alguns traços de línguas naturais. No entanto, antes mesmo desses estudos serem amplamente desenvolvidos, de l'Épée, um abade francês, constatou que duas de suas alunas, gêmeas, surdas congênitas, criaram uma espécie de linguagem gestual que partilhavam mutuamente. Observando suas alunas e adotando para o seu ensino parte do sistema por elas desenvolvido, o abade difundiu a possibilidade de um sistema autônomo, não baseado numa língua oral, mas sim baseado nas experiências visuais e cinésicas dos surdos. Essa prática e difusão deu origem à língua de sinais francesa que foi a precursora de outras línguas como a língua de sinais americana e a língua de sinais brasileira.

Os casos de crianças surdas que nascem em meio ouvinte oportunizam interessantes reflexões sobre o desenvolvimento dos conceitos nessas crianças.

Todos os surdos congênitos, com perda auditiva profunda, se desenvolvem num ambiente social ouvinte e, apesar de terem intactas todas as suas faculdades cognitivas, não conseguem se comunicar. Nesse sentido, surge um processo de elaboração de um código gestual primário, emanado da necessidade de comunicar com o seu meio. Esse processo se baseia nos princípios icônicos dos objetos-de-mundo que passam de sua percepção à sua representação por movimentos corporais, manuais e expressões faciais dirigidos aos adultos. Esse processo não se trata de uma aquisição natural, mas sim de um processo de categorização da experiência. Essa estruturação se organiza a partir da apreensão das formas e utilização dos objetos e dos comportamentos sociais percebidos pela criança.

Segundo Vygotsky, esse processo pode ser representado pelo gesto de apontar. Ele se inicia na tentativa de pegar ou alcançar um determinado objeto, esticando sua mão para tocá-lo. Esse comportamento, dirigido ao objeto, pode ser interpretado por um membro da família que engendra uma reação, estabelecendo um significado primário da ação da criança sobre o objeto. Mais tarde, quando a criança associa o seu movimento à reação de resposta de sua família, ela começa dirigir esse movimento aos outros e, nesse sentido, o seu movimento torna-se um signo que é internalizado.

A operação com signos é o resultado de uma série de transformações qualificativas num processo prolongado e complexo, sujeito às leis básicas da evolução psicológica (Vygotsky, 2000/1978, p. 60). Nesse processo, três transformações que propiciam a internalização do conhecimento podem ser verificadas:

- a) Uma operação que inicialmente representa uma atividade externa é reconstruída e começa a ocorrer internamente;
- b) Um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal;
- c) A transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal que se resulta de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento.

Diferente da criança ouvinte, a criança surda vai aperfeiçoar a capacidade cinésica com intenção de modificar a reação dos adultos, uma vez que a essência do uso de signos consiste em afetar o comportamento dos outros através dele. No processo de conhecer, os objetos são apreendidos por sinais – imagens sensoriais – que se encontram colados à singularidade do objeto. Para o processo de descolamento do singular do objeto e sua generalização e abstração, a imagem tem de ser representada pelo signo. Esse signo só será internalizado na medida em que o outro concebe uma mesma significação que é compartilhada social e culturalmente.



## 2.2. A emergência das línguas de sinais

Estudos surpreendentes do processo de convenção da língua de sinais nicaraguense foram coordenados por alguns pesquisadores como Senghas (1995) e Kegl, Senghas e Coppola (1999), resumidos a seguir.

Antes do ano de 1980, os surdos da Nicarágua viviam isolados, usando apenas suas LSPs para a comunicação com o seu limitado meio.

Depois dessa data, muitos desses surdos encontraram-se numa escola pública em Manágua. Apesar de a escola basear sua filosofia educacional numa prática oralista, a Linguagem de Sinais Nicaraguense (LSN) se desenvolveu favorecida pelo contato entre os estudantes surdos.

Desta forma, a LSN é então um *pidgin* originado da miscelânea de LSPs praticadas pelos surdos. Desta língua primária, originou-se a Língua de Sinais Nicaraguense (ISN): trata-se do crioulo usado por crianças que entraram na escola com idade inferior a 10 anos. A PSN (*Pidgin* de Sinais Nicaraguense) é a mistura de um sistema sinalizado com o espanhol falado. Esta comunicação se dá entre os surdos e ouvintes. Quando uma geração inteira de crianças surdas nativa teve como *input* a LSN, nativizou-se a ISN.

A ISN foi enriquecida com o passar do tempo, mostrando que crianças jovens são capazes de criar formas gramaticais mais complexas apesar do *input* inconsistente.

Emmorey (1999, p.139) diz que: “os dados da Nicarágua indicam que a emergência de uma língua verdadeira é dependente de uma comunidade de usuários e não surge espontaneamente nos indivíduos.”<sup>4</sup>

## 2.3. O signo verbal desenvolvido na modalidade cinésico-visual

Saussure reforçou o sentido de arbitrariedade do signo, ou seja, significante e significado teriam uma relação arbitrária, não motivada. No entanto, nas línguas de sinais, os signos podem tanto ter uma relação arbitrária (no caso dos signos padrões) como relações motivadas, ou seja, que guardam alguns aspectos comuns aos objetos-de-mundo.

Para compreendermos melhor essa motivação, levamos em conta a especificidade da língua de sinais, através do estudo da cinésica. Essa disciplina é entendida como o estudo sistemático dos movimentos, das posições e deslocamentos corporais, dos gestos e das expressões faciais que possuem valor simbólico. Nossa proposta é, nesse sentido, a ampliação desses estudos para a dimensão linguística das línguas de sinais e, portanto, a tentativa de criar uma teoria não estruturalista, nem sob os moldes das pesquisas das línguas orais, mas, sobretudo, valorizando o modo de percepção, recepção e transmissão específicos da língua sinalizada.

Com o intuito de olhar as línguas de sinais sob um prisma diferenciado, respeitando suas especificidades de modalidade, apresentaremos em seguida algumas estratégias de referência nas narrativas de sujeitos surdos.

Segundo Cuxac “não há nada de observável, em se tratando de referente, senão modos de construir uma referência” (1998, p. 85). Vejamos abaixo como elas são construídas:

## 2.4. Estratégias de referências icônicas no uso linguístico do surdo

Recentemente alguns pesquisadores esforçam-se em analisar alguns sistemas de referências em língua de sinais (Pizzutto, Rossini, Sallandre & Wilinon, 2006; Cuxac, 1998, 2000; Bras, Millet & Risler, 2004, de linha européia; Hoek, 1992; Emmorey, Norman & O’Grady, 1991; Emmorey & Lillo Martin, 1995; Emmorey & Falgier, 2004, de orientação

Americana). Embora tratem dos mesmos processos, as terminologias são completamente diferentes. A linha européia segue uma tendência de evidenciar o processo de iconicização em língua de sinais, segundo as concepções de Cuxac (2000, 1998). É com base nessa perspectiva que se insere este trabalho.

Pizzuto *et al.* (2006) chamam “estruturas dêitico-anafóricas”, os “recursos de coesão textual que permitem aos falantes ou sinalizantes introduzir referentes no discurso e, subsequentemente, retomá-los. Eles ressaltam a existência de duas grandes categorias de referência dêitico-anafórica em língua de sinais:

A classe “padrão” é a mais difundida e investigada, principalmente pelos pesquisadores americanos. Ela se realiza por meio de apontações manuais e visuais que estabelecem posições no espaço (*loci*) às quais os referentes podem ser atribuídos simbolicamente. Dessa forma, apresenta-se o objeto-de-discurso por uma referência nominal, que é a informação nova. A retomada se faz através de apontações manuais ou visuais ao ponto estabelecido no espaço.

A segunda classe de “referência dêitico anafórica” em língua de sinais é realizada por operações complexas que se materializam por meio de unidades manuais e não-manuais, denominadas de Estruturas Altamente Icônicas (EAI) ou “Transferências” que “são concebidas como vestígios de operações cognitivas por meio das quais os sinalizantes transferem sua concepção do mundo real para o mundo tetradimensional do discurso sinalizado” (Pizzuto *et al.*, 2006, p. 140). Essa segunda classe é composta por 1) formas manuais que codificam características perceptivelmente salientes das relações entre o referente e o objeto-de-mundo; 2) expressões faciais marcadas e/ ou modificações na direção da cabeça, tronco e ombros, geralmente denominadas como troca de papéis (exemplos serão dados em nossa análise).

#### 2.4.1. Transferências em LS

Segundo Cuxac (2000), as línguas de sinais possuem, de um lado, um léxico padrão e, de outro, um conjunto referencial variável que ele chama de *continuum* icônico, por isso, em sua teoria, ele descreve a existência de duas vias estruturais: a via lexical e a via iconizadora ou via das estruturas de grande iconicidade. A segunda via coloca em ação mecanismos cognitivos que consistem a ilustrar a experiência a ser transmitida. As Estruturas de Transferência são, então, consideradas como recursos cinésicos que reproduzem formalmente os contornos das formas, os deslocamentos espaciais dos agentes em relação a um ponto fixo. São estratégias de construção de referências, cujo objetivo é descrever e mostrar os eventos numa interação verbal. No momento do ato discursivo, o sujeito ativa dimensões cognitivamente ancoradas para reconstituir as experiências, utilizando para isso todo grupo muscular e movimentos corporais.

Para Cuxac há três tipos de transferências:

- Transferências de forma e tamanho (TF) – descrevem objetos ou pessoas de acordo com o seu tamanho ou forma ;
- Transferências de situação (TS) – envolvem o movimento de um objeto ou personagem com relação a um ponto locativo estável ;
- Transferências de pessoa (TP) – envolvem um papel (agente ou paciente) e um processo. O sinalizante ‘se transforma’ na entidade a que ele se refere, ao descrever uma ou mais ações dessa entidade (geralmente animados, mas metaforicamente para entidades inanimadas).

Essas definições serão utilizadas para a descrição de nossa análise em língua de sinais



brasileira (Libras). Os dados verbais utilizados para essa análise foram coletados para a nossa dissertação de mestrado (então Correa, 2007). Nessa amostra, há três narrativas cujo tempo de registro de cada participante compreende 256s, 302s e 347s. Para coletar os dados, foi apresentado um caderno com as ilustrações da obra de Mercer Mayer (1969), *Frog, where are you?*, aos surdos que deveriam recontar, em língua de sinais, a estória pictórica percebida visualmente. As narrativas foram registradas em vídeo e posteriormente digitalizadas para o melhor manuseio em computador. Para o tratamento das imagens foi utilizado o programa ELAN<sup>5</sup> que, embora não tenham sido aproveitados todos os recursos de que ele disponibiliza, facilitou a tarefa de transcrição. Os participantes foram três sujeitos surdos (duas mulheres e um homem) usuários de língua de sinais brasileira, cujo tempo de uso compreende 4, 15 e 17 anos e cuja faixa etária varia entre 27 e 31 anos. Eles são fluentes em língua brasileira de sinais, mas não são nativos dessa língua, ou seja, não têm a LSB como primeira língua, pois nasceram em meio ouvinte.

#### 2.4.2. Transferências como estratégias de referência<sup>6</sup>

Anteriormente falávamos da criança que começa a apontar para um objeto e das sucessivas transformações desencadeadas no processo de interiorizar esse comportamento. Esse gesto toma caráter de signo cumprindo uma função no momento que os outros constroem uma relação entre esse gesto e sua intenção de obter o objeto. Abaixo daremos um exemplo de apontação que foi refinada, caracterizando-se gramaticalmente na Libras.



Figura 1 – Sapo.



Figura 2 – Alí.

116 - MENINO PROCURAR //corpo levemente inclinado para baixo, direção do olhar para

baixo, o corpo se endireita e se volta para trás e à direita// (intensificador) **ACHAR SAPO**<sup>sat</sup>  
 IX<toca> TERRA cl<MONTE-PEQUENO>[CM 48, MD descreve um pequeno arco no espaço à direita de seu corpo]  
 cl<CAVIDADE>>[CM 46, ME à direita do corpo; CM 48, MD descreve uma abertura no monte de terra] 11/**olhar**<sup>[dentro]</sup>/  
 10/**espíar** / [os olhos se aproximam da configuração que representa a toca] 54/**tocar-com-o-**  
**dedo/ SUSTO** //corpo salta para trás// (intensificador)

O menino procura:

- Eu acho que está naquele montinho de terra.

Espia num buraco, coloca o dedo e toma um susto.

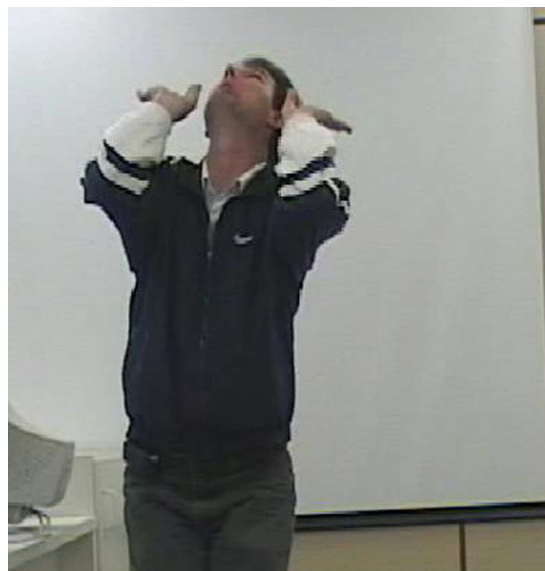


**Figura 3** – Buraco.

Nessas três sequências, há um exemplo da classe padrão em que a apontação estabelece um ponto no espaço esquerdo do sinalizador que representa o objeto-de-discurso “monte de terra”, há também uma transferência de forma e tamanho representada pela configuração de mão que descreve um buraco. Essas estratégias são muito produtivas em LS.



**Figura 4** – Sapo.



**Figura 5** – Olhar.

139- [o braço esquerdo continua descrevendo o tronco] cl<SUBIR-tronco [CM 44, PB,

deslocamento para frente com movimentos alternados dos dedos executados no braço esquerdo] 11/olhar<sup>cur</sup><sub>[atrás]</sub> / {o corpo se inclina para frente}

(Ele) sobe no tronco e olha atrás dele.

140- DOIS SAPOS. CACHORRO 30/**farejar**/  
São dois sapos! O cachorro fareja.

141- SAPO UM 11/**olhar** <sup>[para cima]</sup> /{corpo se desloca da esquerda para a direita} SAPO DOIS.  
67/**olhar** <sup>[para cima]</sup> /  
Ambos os sapos olham para cima.

Nesse exemplo há uma troca de papéis ou transferência de pessoa, ou seja, mudanças da posição do corpo e da direção do olhar se referem a objetos-de-discurso diferentes, na primeira figura é o <<menino>> e na segunda o <<sapo>>.

A proposta cinésica colabora para desvendar como os processos de mudança, movimento, direcionalidade e deslocamento do corpo do sinalizante no espaço podem fornecer a sequencialidade temporal e actancial de uma narrativa.

No exemplo que segue, o participante utiliza um signo lexical que corresponde ao objeto-de-discurso <<menino>>, em seguida ele se remete novamente ao <<menino>>, porém o faz utilizando a via da iconicidade, ou seja, entra em jogo todo o grupo muscular e posições corporais que descrevem a ação do menino. A expressão facial possui um significado construído sociocognitivamente, tomando como base as ações psicomusculares adquiridas pela experiência que se remete a <<admirar>>.



Figura 6 – Menino.



Figura 7 – Admirar.

092- MENINO **OLHAR** <sup>[abaixo à frente]</sup> **SENTAR** <sup>cont</sup> 46/<<admirado>>/  
Um menino, sentado, olha admirado.

## 2.5. Cognição e cultura

Com base na observação das três figuras abaixo, podemos inferir vários fatores relevantes que determinam uma intervenção verbal em língua de sinais. Primeiramente, o usuário planifica o seu texto, organiza mentalmente antes de sua realização, assim sua escolha linguística e as estratégias de coesão e coerência são determinadas segundo os critérios de

motivação, situação, finalidade e operacionalidade de seu ato discursivo. Todas essas estratégias são compartilhadas pela comunidade surda, pois é na atividade social que esse indivíduo se define enquanto membro de uma cultura com experiência visual.

Os três participantes foram submetidos ao mesmo estímulo, às mesmas condições de coleta, culturalmente eles se encaixam nos mesmos padrões, fisiologicamente participam das mesmas experiências sensoriais, fazem uso da mesma língua, diferindo apenas no tempo de uso da mesma, ou seja, um dos participantes é usuário de LS há apenas quatro anos, no entanto a cena percebida visualmente que descreve a ação de um menino pegando um cachorro no colo é marcada pelas mesmas estratégias discursivas pelos três participantes.



**Figura 8** - Pegar no colo.



**Figura 9** - Pegar no colo.



**Figura 10** - Pegar no colo.

Embora as marcações faciais sejam diferentes e haja algumas variações na forma, todos os sujeitos ocuparam o mesmo espaço para representar a ação de segurar o cachorro no colo, usando a forma dos braços em semi-arco para representar o objeto-discursivo <<cachorro>>.

Assim, num processo que implica uma transferência de pessoa (o corpo e expressão

facial que representa o menino), uma transferência de situação (os braços em arco que pega alguma coisa no colo) e uma transferência de forma junto com a direção do olhar para um *loci* à esquerda (o corpo do cachorro), eles descrevem a mesma ação, utilizando posições, movimentos, direções idênticas como que “convencionalizados”. Nessa estratégia estão em jogo processos cognitivamente ancorados na experiência percepto-prática de indivíduos que participam do mesmo entorno cultural. De certa forma, há aqui uma aceitação social de designar a ação percebida, e isso parece estar condicionado a juízos semióticos do que pode ser aceito para esta situação comunicativa.

### 3. Discussão

A produção sígnica do surdo envolve diversos fenômenos já descritos: o uso do corpo pelo surdo, que compreende seus movimentos, suas posições e deslocamentos, evidencia sua capacidade natural às diversas linguagens. A evolução e a transformação das línguas de sinais justifica que o desenvolvimento histórico do surdo se deu além de seus limites de suas funções psicológicas, impostas pela natureza, ou seja, pela restrição sensorial. Surge então uma nova organização de comportamento, culturalmente elaborada, que emerge da necessidade de signos verbais para mediar a atividade social. Esses signos passam por estágios conceituais primários, até chegar a um nível de refinamento, consequência das inúmeras transformações. Esse uso pode se estender para a comunicação estética e para diversos tipos de interação comunicativa.

Em resumo, os signos cumprem funções. Eles se desenvolvem nos processos intra e interpessoais, condicionados pela atividade social e nela veiculados. Dento da concepção de Vygotsky que diz que “o uso de signos conduz os seres humanos a uma estrutura específica de comportamento que se destaca do desenvolvimento biológico e cria novas formas de processos psicológicos enraizados na cultura” (2000/1978, p. 54).

A mediação semiótica permite ao surdo ir além de sua limitação sensorial para desenvolver os processos superiores, baseados nas suas experiências visuais. Os três participantes desta pesquisa não narraram de forma idêntica, cada um possui juízos de seleção linguística do que pode ter mais probabilidade de êxito. No entanto, todos reconstruíram os eventos percebidos no estímulo a eles apresentado, utilizando recursos icônicos e referenciais próprios da modalidade cinésico-visual de sua língua. Os três compartilham conhecimentos de mundo que são reflexos cognitivos de pessoas que possuem a mesma experiência sensorial e que dão sentidos visuais diferentes do mundo dos ouvintes. Não é de se esperar que a língua de sinais tenha estrutura e recursos que são específicos à sua modalidade. O surdo, enquanto planejador que se inter-relaciona com outros usuários de língua sinalizada, constrói o seu texto por meio de uma complexa rede de fatores, entre as quais a especificidade sensorio-perceptiva em que se insere, o jogo de imagens icônicas, as estratégias de transferência, os conhecimentos de mundo partilhados com outros sujeitos com experiência visual, além das normas e convenções socioculturais regidas por critérios cinésico-visuais de uma língua sinalizada.

### 4. Referências bibliográficas

- Bras, G.; Millet, A. & Risler, A. (2004). Anaphore et déixis en LSF : Tentative d’inventaire des procédés. Em: Berthonneau, A.M. & Dal, G. (orgs.) *La linguistique de la LSF: recherches actuelles, Silexicales*, 4 (pp. 57-64). Lille: Université Lille III.
- Correa, R.B.S. (2007). *A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade



Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

Cuxac, C. (1998). Constructions de références en langue des signes française : les voies de l'iconicité. (pp. 85-105). *Sémiotiques*, 15.

Cuxac, C. (2000). *La Langue des Signes Française: les Voies de l'Iconicité*, Paris: Ophrys.

Eco, U. (1976). *Tratado de Semiótica Geral* (Danesi, A.P. & Cardoso, G.C., Trads). São Paulo, Ed. Perspectiva (Original publicado em 1958).

Emmorey, K. (1999). Do signers gesture? Em: Messing, L. & Campbell, R. (Eds.). *Gesture, speech, and sign*. (pp. 133-159). Oxford: Oxford University Press.

Emmorey, K. & Falgier, B. (2004). Conceptual locations and pronominal reference in American Sign Language. *Journal of Psycholinguistic Research*, 33 (4), 321-31.

Emmorey, K. & Lillo-Martin, D. (1995). Processing spatial anaphora: Referent reactivation with overt and null pronouns in American Sign Language. *Language and Cognitive Processes*, 10 (6), 631-664.

Emmorey, K.; Norman, F. & O'Grady, L. (1991). The activation of spatial antecedents from overt pronouns in American Sign Language. *Language and Cognitive Processes*, 6(3), 207-228.

Goldin-Meadow, S. (1985). Language development under atypical learning conditions: Replication and implications of a study of deaf children of hearing parents. Em: Nelson, K. (Ed.), *Children's Language*. Vol 5. (pp. 197-245). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum & Associates.

Hoek, K. (1992). Conceptual spaces and pronominal reference in American Sign Language. *Nordic Journal of Linguistics*, Cambridge University, 15: 183-199

Kegl, J.; Senghas, A. & Coppola, M. (1999). Creation Through Contact: Sign Language Emergence and Sign Language Change in Nicarágua. Em: DeGraff, M. (ed.) *Language Creation and Language Change: Creolization, Diachrony, and Development*, Cambridge, (pp. 179-237). Mass.: MIT Press.

Martinet, J. (1974). *Chaves para a Semiologia* (Massano, A.J. & Pascoal, I., Trad.). Publicações Dom Quixote. (Original publicado em 1973).

Mayer, M. (1969). *Frog, Where are You?* New York: Dial book for Young Readers.

Nöth, W. (1995). *Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume. (Original publicado em 1985).

Peirce, C.S. (1975). *Semiótica e filosofia*. (Mota, O.S. & Hegenberg, L., Trad.). São Paulo: Editora Cultrix. (Original publicado em 1930 em Collected Papers).

Pizzuto, E.; Rossini, P.; Sallandre, M. & Wilkinson, E. (2006). Dêixis, anaphora e estruturas altamente icônicas. Em: Quadros, R. & Vasconcelos, M.L. *Questões Teóricas das pesquisas em Língua de Sinais, 9º Theoretical Issues in Sign Language Research Conference*, (pp. 140-58). Florianópolis: Editora Arara Azul.

Santaella, L. (2005). *Matrizes da linguagem e pensamento: sonora visual verbal*. 3.<sup>a</sup> Ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP.

Saussure, F. (1977). *Curso de Linguística Geral*. (Chelini, A.; Paes, J. P. & Blikstein, I., Trad.). São Paulo: Cultrix. (Original publicado em 1916).

Senghas, A. (1995). The Development of nicaraguan Sign Language via the Language Acquisition process. Em: Laughlin, M. & McEwen (eds.), *Proceedings of the 19<sup>th</sup> Annual Boston University Conference on Language Development*, pp. 543-552.

Vygotsky, L.S. (2000). *A formação social da mente*. (Bizerra, P., Trad.), 6<sup>a</sup> Ed. (PP. 51-76). São Paulo: Editora Martins Fontes. (Original publicado em 1978).



## Notas

- (1) Peirce, C.S. (1931-58). *Collected papers*, V. 1-6, Hartshorne and Weiss (eds.); v. 7-8, Burks. (ed.). Cambridge, Mass.: Harvard University Press. As referências no texto foram feitas sob CP seguido de número do volume e parágrafo. MS (manuscrito) refere-se aos manuscritos não publicados, catalogados segundo paginação do Institute for Studies in Pragmaticism. Lubbock: Texas.
- (2) Ícone é um signo que tem por propriedade imitar perceptualmente aquilo a que se refere. Ex. As onomatopéias das línguas faladas são signos icônicos. O sinal ÁRVORE, em língua de sinais, é icônico, pois sua forma imita o seu referente material, porém veremos que essa iconicidade é, apenas, parcialmente reconhecida. O índice é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude do fato de ser realmente afetado por esse objeto, Ex.: a fumaça indica a existência do fogo.
- (3) Sistema implica a existência de certos elementos, que estabelecem entre si certas relações, a fim de preencher certas funções.
- (4) “The Nicaraguan data indicate that emergence of a true language is dependent upon a community of users and does not arise spontaneously in individuals”.
- (5) O programa ELAN (EUDICO – Language Anotator) é uma ferramenta de anotação que permite a criação, editoração, visualização de dados de vídeo e áudio. Acessado na página [http://www.let.kun.nl/sign-lang/echo/ELAN/ELAN\\_intro.html](http://www.let.kun.nl/sign-lang/echo/ELAN/ELAN_intro.html).
- (6) O protocolo de transcrição contido neste artigo foi retirado da dissertação de mestrado da autora (então Correa, 2007, p. 75-82), disponível para *download* no Sistema Pergamum da Universidade Federal de Santa Catarina, no endereço : <http://aspro02.npd.ufsc.br/pergamum/biblioteca/index.php> ou no site da doutora Ronice Muller de Quadros : [http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index\\_arquivos/Page1280.htm](http://www.ronice.cce.prof.ufsc.br/index_arquivos/Page1280.htm).